



Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais

ENTREVISTA

POR UMA HISTÓRIA DO ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL: entrevista com Amurabi Oliveira

TOWARDS A HISTORY OF SOCIAL SCIENCE TEACHING IN BRAZIL: interview with Amurabi Oliveira

Fagno da Silva Soares¹

Entrevista realizada em 06 de agosto de 2025, com o sociólogo brasileiro Amurabi Pereira de Oliveira, professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGSP/UFSC). Livre-Docência pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, 2022). Intelectual especialista nos estudos de Sociologia e Antropologia da Educação e História do Ensino das Ciências Sociais no Brasil com vasta produção sobre o tema. Membro efetivo da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), International Sociological Association, Academia Brasileira de Ciências (ABC) e Global Young Academy. Foi presidente da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS). Durante a entrevista, o pesquisador narrou sobre sua trajetória pessoal e acadêmica-profissional e compartilhou suas vivências e memórias durante o período que atuou como professor-visitante em diferentes universidades ao redor do mundo. Realizou análises críticas e reflexões quanto a intermitência e os desafios do Ensino de Sociologia no país, apontando horizontes de perspectiva no Ensino das Ciências no Brasil.

¹ Doutor em Geografia Humana (FFLCH/USP). Professor de Historia do Instituto Federal de Educação, Ciencia e Tecnologia do Maranhao (IFMA/Campus Açailândia). E-mail: fagno@ifma.edu.br

Amurabi Pereira de Oliveira, professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política, dos Programas Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política; Educação e Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGSP-PPGE-PPGICH/UFSC). Graduado e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG, 2007, 2008). Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2011). Livre-Docência na área de Cultura e Educação – Educação e Antropologia Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, 2022). Realizou seu estágio de pós-doutoramento em Didática das Ciências Sociais pela Universidade Autônoma de Barcelona (2019-2020). Atuou na chefia do Departamento de Sociologia e Ciência Política (UFSC, 2015-2019). Foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFSC, 2020-2022). Líder do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Educação e Juventudes Contemporâneas (NEJUC). Pesquisador do Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas (NUER). Membro efetivo da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), International Sociological Association, Academia Brasileira de Ciências (ABC), Global Young Academy e da Comissão de Antropologia da Educação da International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IIUAES). Foi presidente da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS). Colaborador do projeto “SBS Memória” da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). Participa como Revisor e Conselheiro Editorial de importantes periódicos nacionais e internacionais na área de Ciências Sociais e afins. Foi professor visitante em diversas universidades ao redor do mundo, a saber: Universidade Nacional do Litoral (Argentina), Universidade da República (Uruguai), Universidade de Hradec Králové (República Tcheca), Universidade Jaguelônica (Polônia), Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha), Universidade de Gante (Bélgica), Universidad Nacional de Cuyo (Argentina), Universidade de Buenos Aires (Argentina), na University of Birmingham (Reino Unido), Universidade de Graz (Áustria), Universidade de Cádiz (Espanha) e San Diego State University (EUA). Atualmente coordena o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em

Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH/UFSC). Bolsista produtividade do CNPq. Destacado pesquisador mantém uma agenda de conferências e palestras por todo Brasil, atuando também na organização de congressos e seminários. Esteve em mais de 200 bancas de exames de qualificação e defesas de teses e dissertações, além da participação em outras comissões julgadoras como bancas de concurso público. Supervisionou 7 pesquisadores de pós-doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em sua profícua e reconhecida contribuição à Sociologia e antropologia brasileira, já publicou aproximadamente 300 artigos científicos em periódicos nacionais e internacionais, assim como vários livros de sua autoria, coautoria ou sob sua organização. Em sua vasta produção sociológica e antropológica destacam-se os seguintes livros de sua autoria, coautoria ou sob sua organização, a saber: *Etnografia para educadores* (2023), *O campo do Ensino de Sociologia no Brasil: gênese, agentes e disputas* (2023), *Gilberto Freyre & a Educação* (2023), *Conquistas e resistências do ensino de Sociologia: Eneseb 2019* (2021) e dentre outros. Suas obras têm sido seminais aos pesquisadores brasileiros interessados em refletir acerca do temário da Sociologia e Antropologia da Educação, Ensino e História das Ciências Sociais, Religiosidades.

Fagno Soares: Boa tarde, prezado professor Amurabi Oliveira. Registrarmos a nossa satisfação nos receber em seu atelier de pesquisas e reflexões sociológicas. Agradecemos a disponibilidade e o modo tão solícito e gentil, que de pronto se dispôs para esta entrevista conosco. Sobrelevamos sua trajetória pessoal como mote desta nossa interlocução, excertos da história de vida de Amurabi Pereira de Oliveira, para compreendermos o sociólogo Amurabi Oliveira, uma vez que a história acadêmica está intrinsecamente articulada à história de vida. Nestes termos, vamos iniciar, ouvindo seus relatos de infância, adolescência, primeiras leituras e interesses, e como a Sociologia o encontrou. Afinal, quem é Amurabi Oliveira?

Amurabi Oliveira: Primeiramente obrigado pela oportunidade de dialogar com você e seus leitores, é sempre um prazer compartilhar experiências. Bem, eu nasci em janeiro de 1986 no interior da Paraíba, na cidade de Campina

Grande. Para pensar minha trajetória acho que vale a pena pensá-la não apenas individualmente, mas também coletivamente, ao menos no nível familiar. Meus pais completaram o ensino médio, tendo meu pai começado a faculdade de química industrial, mas que não pôde concluir, já meus quatro avós nenhum deles concluiu o ensino fundamental, tendo minha avó paterna sido alfabetizada no período que eu estava na universidade. Isso significa que fui da primeira geração de minha família a ingressar no ensino superior, e isso tem um peso, afinal, você tem que aprender a navegar por esse universo sozinho. Mas antes disso, eu estudei em escolas privadas, primeiro em uma escola de bairro chamada Petrônio Figueiredo, que ficava literalmente no mesmo quarteirão que eu morava, e depois em outra mais tradicional no centro da cidade chamada Colégio Imaculada Conceição, que como o nome já aponta, é uma escola religiosa. Apesar de meus pais não terem ingressado no ensino superior, eles tinham muita clareza da relevância da educação, de modo que buscaram viabilizar uma boa escolarização para mim e minha irmã mais nova. Claro, em um primeiro momento o que eles esperavam com isso era que eu seguisse por carreiras mais tradicionais, como Direito ou Engenharia, mas desde os 13 anos de idade eu tinha alguma clareza que queria ser professor, sabia que na área de humanidades, algo entre a História e a Geografia. Quem teve uma influência decisiva na minha escolha foi uma professora de geografia que tive, chamada Eliane que me falou do curso de Ciências Sociais, no qual eu estudaria História, Geografia, Sociologia, Antropologia, Ciência Política etc., a ideia me fascinou bastante e ainda mais por estarmos no ano de 2002, primeiro ano que pude votar na vida e ano da primeira eleição do Lula. Talvez essas informações possam dar algumas pistas de quem sou, representando alguém que como muitos outros que fazem licenciatura, é o primeiro da família a chegar à universidade, e que muito cedo se encantou com a ideia de se tornar professor.

Fagno Soares: Fale-nos um pouco das influências teóricas que sofreu durante a sua graduação e mestrado em Ciências Sociais na UFCG. Quais correntes sociológicas dominavam a cena acadêmica e como isso o afetou profissionalmente? E conte-nos como foi o Doutorado em Sociologia na UFPE

suas leituras e vivências e de seu ingresso na carreira universitária. Neste sentido, quais sociólogos/as exerce(ra)m importante papel na sua formação inicial e continuada como sociólogo?

Amurabi Oliveira: Eu ingressei em 2003 na graduação em Ciências Sociais da UFCG, apesar de ser uma universidade “nova”, fruto do desmembramento da UFPB, esse curso existia desde a década de 1960, com uma pós-graduação fundada na década de 1970. O currículo ainda estava bem “antiquado” quando cheguei, ainda havia disciplinas de “Estrutura e funcionamento do 1º e 2º graus”, por exemplo, ou uma carga horária ainda insuficiente de práticas pedagógicas. Todavia, havia ganhos interessantes nesse currículo “antiquado”, por exemplo, eu tive muito contato com disciplinas de áreas correlatas como História (cinco), de Geografia (três), além de Economia (duas), Filosofia (duas) e Psicologia (duas), me fornecendo uma formação mais interdisciplinar. Na Sociologia lembro-me bem das influências naquele momento, por exemplo, a teoria sociológica III era apenas Escola de Frankfurt, já em Antropologia havia uma organização mais temática, além das teorias estudei Antropologia do parentesco, Antropologia Brasileira, Etnologia brasileira, como obrigatorias. Ciência Política no geral me chamava menos atenção, acabou que foi uma área que tive muita empolgação ao entrar, mas pouca identificação. Claro que ainda tinha muita influência do marxismo, mas creio que isso não era algo necessariamente ruim, pois havia também todo um desdobramento da teoria crítica. Foi ainda na graduação que tive os primeiros contatos com Bourdieu, sendo para mim especialmente marcantes as aulas que tive com o professor Roberto Veras na disciplina “Estrutura de Classe e Estratificação Social”, influência que se desdobrou em boa parte dos trabalhos que desenvolvi posteriormente. Obviamente havia também muita influência temática, eu, por exemplo, fui me aproximando cada vez mais de temas relacionados aos estudos de religião, me interessa ainda mais as religiões menos convencionais, como aquelas vinculadas à Nova Era. Nesse período fui aluno de uma professora chamada Magnólia Gibson, que havia feito uma tese de doutorado sobre movimento esotérico no Brasil, e ela acabou sendo minha orientadora de mestrado, quando

fui pesquisar o Vale do Amanhecer. Confesso que ao longo da graduação eu estava muito focado em me formar como professor, fui professor voluntário em cursinho pré-vestibular desde o primeiro ano de curso, lecionando Geografia e depois História, além de ter sido monitor de Introdução à Sociologia e Teoria Sociológica I. Apenas quando foi chegando ao final do curso que comecei a pensar na carreira de professor universitário e pesquisador, a rigor meu CV não seguia o clássico caminho da pesquisa, pois não fiz PIBIC, tampouco bacharelado. Ao final da graduação fiz seleção no PPGAS da UFPE, no PPGS da UFPB e no PPGCS da UFCG, fui aprovado nos três e optei por permanecer em Campina Grande. Quando estava no começo do mestrado passei ainda para professor substituto em Ciência Política na UFCG, mas ao final optei por ser apenas um estudante profissional bolsista, porém em 2008, meu segundo ano de mestrado, eu passei para substituto em Sociologia na UEPB, onde permaneci por um semestre, e logo em seguida fui aprovado como efetivo no então CEFET Petrolina, posteriormente transformado em IF Sertão PE. Foi um período que passou rápido o mestrado, mas acho que a principal dimensão formativa que ficou em mim foi minha formação como etnógrafo, pois fiz um campo intenso no núcleo do Vale do Amanhecer em minha cidade, analisando-o a partir da teoria do dom. Também creio que no mestrado foi o momento em que me vi efetivamente nessa interface como sociólogo-antropólogo ou antropólogo-sociólogo, começando a participar de eventos, comecei a escrever academicamente etc. Claro, como comecei a lecionar no ensino superior ainda nessa época, é também nesse período que comecei a me formar como professor universitário. Finalizei o mestrado em algo como um ano e seis ou oito meses, o que me deu tempo para pensar com um pouco mais de calma no doutorado. Optei por permanecer nos estudos da religião, tendo prestado seleção no PPGCS da UFRN, no PPGCS da UFBA e no PPGS da UFPE, tendo optado por permanecer nesse último. Apesar de ter permanecido em um programa de Sociologia, fui orientado por um antropólogo, meu querido professor Roberto Motta, que havia formado gerações de antropólogos e sociólogos no Nordeste. Minha pesquisa no doutorado era, portanto, uma pesquisa etnográfica sociologicamente orientada, utilizando-me de Bourdieu para pensar os corpos e o

processo de conversão religiosa no Vale do Amanhecer. Recebi uma ótima formação teórica e metodológica na UFPE, tive professores muito marcantes, alguns como o professor Paulo Henrique Martins, fiquei especialmente próximo, pois com ele cursei Sociologia da Dádiva e Sociologia da América Latina, esta última lecionada a partir de uma perspectiva pós-colonial. Cursei todo meu doutorado trabalhando, primeiro no IF Sertão PE, depois fiz outro concurso e fui para o IFPE em Vitória de Santo Antônio, e por fim, fui aprovado como professor no Centro de Educação da UFAL. Falo isso pois ter sido um aluno trabalhador me faz olhar de outra forma para meus estudantes trabalhadores, como costumo dizer em sala de aula, compreender como alguém estuda e trabalha é impossível em termos lógicos, só é possível compreender etnograficamente, pois parece que não sobra tempo. Mas, ao menos no meu caso, tive a sorte de ter um emprego estável e na área nesse período, de modo que tornava o processo mais fácil.

Fagno Soares: Professor Amurabi, fale-nos um pouco do conjunto interessante de pesquisas sob sua orientação em curso e/ou já concluídas de mestrado e doutorado nos três Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que têm atuado nos últimos anos. Quais cursos e disciplinas tens ofertado sistematicamente na graduação e pós-graduação.

Amurabi Oliveira: Começando pela parte mais simples: meu concurso na UFSC em 2014 foi com foco em Sociologia da Educação, de modo que essa é a disciplina que tenho lecionado de forma mais regular na graduação de Ciências Sociais, assim como Pensamento Social Brasileiro, que lecionei desde o primeiro semestre que cheguei lá, além disso tenho lecionado regularmente uma disciplina que se denomina “Seminário de Licenciatura”, que se volta ao processo de planejamento dos projetos de pesquisa daquelas pessoas que optam pela licenciatura em Ciências Sociais. Na pós-graduação acho que tenho diversificado, mas destacaria três disciplinas que tenho repetido com alguma frequência nos programas que leciono, no PPGE tenho lecionado regularmente uma disciplina denominada “Antropologia e Educação”; no PPGSP a que leciono com mais

frequência é “Educação, Cultura e Sociedade” e no PPGICH estou nesse semestre lecionando pela segunda vez com a professora Miriam Grossi uma disciplina sobre escrita acadêmica. Acho que vale a pena pontuar ao menos duas observações relevantes sobre essas disciplinas: a primeira é que leciono Sociologia da Educação ao menos desde 2008 quando comecei a dar aulas no ensino superior, e tenho mudado muito meu programa, quando comecei a lecioná-la ela era bastante convencional, centrada em autores como Bourdieu, Foucault, Adorno, Durkheim etc, no entanto, eu fui mudando, o debate acadêmico e minha disciplina também, hoje ela é mais plural, com mais mulheres, mais pessoas não brancas, bell hooks, Nilma Lino Gomes, Kabenguele Munanga, Donna Haraway, Sandy Grande etc. No nível da pós-graduação, lecionar uma disciplina relacionada à escrita acadêmica também é uma mudança paradigmática, pois acho que por muito tempo a academia encarou como “natural”, quase como um “dom” escrever academicamente, mas na verdade, não é assim, e creio que as ações afirmativas com o ingresso de novos públicos evidenciou isso, e todo o processo de violência simbólica que está imbuído nessa naturalização de algo que é construído, fico inclusive feliz de ver que outras universidades também começaram a ter cursos regulares sobre esse tópico, como no PPGS da UFPE, onde meu querido amigo Gabriel Peters recentemente lecionou um curso sobre o tema. Em termos de orientações, meu trabalho é essencialmente em uma interface entre as Ciências Sociais e a Educação, com alguns focos mais específicos, como ensino de Sociologia. Talvez se eu for resumir, posso dizer que meu tema principal de pesquisa tem sido o Ensino de Sociologia, e em período mais recente com uma abordagem mais decolonial, o que reflete inclusive o percurso de meus estudantes, por exemplo, atualmente oriento dois alunos de doutorado e um de mestrado que vieram da UNILAB e pesquisam Ensino de Sociologia, quero dizer com isso que minha agenda também se modifica com meus estudantes e que aprendo muito com eles. Porém, tenho aceitado pessoas que me procuram com temas mais diversos por vezes, sempre busco realizar um acolhimento por meio de contribuições teóricas e metodológicas, por vezes

também a pessoa entra com um tema e vamos modificando ao longo da vivência na pós-graduação.

Fagno Soares: Como tem avaliado as mudanças, permanências, rupturas e continuidades da Sociologia no Brasil, sobretudo, nas últimas décadas, cujo ecletismo metodológico e as categorias analíticas tensionam o fazer sociológico delineando outras abordagens possíveis.²

Amurabi Oliveira: Quando as pessoas falam dessas rupturas normalmente estão se referindo à Sociologia escolar, pois de fato houve inúmeras rupturas nesse sentido. É possível dizer inclusive que a Sociologia que é reintroduzida na escola após a redemocratização na década de 1980 não tem nenhuma relação com a Sociologia presente nos currículos escolares nos anos de 1930, pois não apenas os paradigmas sociológicos foram modificados como também a organização escolar, os públicos etc. No ensino superior há mais continuidades, afinal, mesmo na ditadura civil-militar houve a criação de novos cursos, expansão, advento dos programas de pós-graduação etc. Talvez o que possa chamar mais atenção nesse contexto é um processo de fragmentação e diversificação, temática, teórica, metodológica. Claro, em período mais recente há também uma emergência de novos debates, impulsionados em grande medida pelas teorias decoloniais e pós-coloniais, que visibilizam a interface com questões de gênero e raça, por exemplo, inclusive no próprio ensino de Sociologia, ainda que haja resistências e dificuldades na realização de modificações mais profundas na forma como produzimos Sociologia. Hoje temos debates interessantes que olham não apenas para frente, mas também para trás, na busca por refundarmos os clássicos da Sociologia, incluindo na tradição canônica autores como Du Bois e

²FERREIRA, Vanessa do Rego. **A Construção dos Referenciais Curriculares de Sociologia em Alagoas.** 2015. Dissertação. [Mestrado em Educação]. Centro de Educação. Universidade Federal de Alagoas, Maceio, 2015. / ALMIRANTE, Kleverton Arthur de. **A Vivência dos Pequenos Candomblecistas no Terreiro.** 2015. Dissertação. [Mestrado em Educação]. Centro de Educação. Universidade Federal de Alagoas, Maceio, 2015. / PEREIRA, Jessika Danielle dos Santos. **A Educação Indígena entre os Wassu-Cocal: algumas pistas sobre a concepção da educação escolar a partir de seus professores.** 2014. Dissertação. [Mestrado em Educação]. Centro de Educação. Universidade Federal de Alagoas, Maceio, 2014. / DA SILVA, Fabson Calixto. **Ação Afirmativa, Tensoes e Relações Raciais na Educação: Repercussão em Torno da Política de Cotas da Universidade Federal de Alagoas.** 2014. Dissertação. [Mestrado em Educação]. Centro de Educação. Universidade Federal de Alagoas, Maceio, 2014.

Martineau, por exemplo, além de nos abrirmos mais a outras tradições acadêmicas na América Latina e no Sul Global de forma mais ampla.

Fagno Soares: Como professor-visitante ao longo dos últimos anos tem atuado em universidades ao redor do mundo. Conte-nos de suas vivências, trocas e memórias construídas durante o período que atuou na Argentina, no Uruguai (América Latina), na República Tcheca, na Polônia, na Espanha, na Bélgica, no Reino Unido, na Áustria (Europa) e nos Estados Unidos.

Amurabi Oliveira: O meu processo mais intenso de circulação acadêmica começou a partir de 2018, pois foi quando comecei a participar das primeiras chamadas da Associação de Universidades Grupo Montevidéu (AUGM), que possui um programa denominado “Escala Docente”, que prevê mobilidades curtas na América Latina, por meio desse programa realizei estadias curtas na Universidade Nacional do Litoral, Universidade de Buenos Aires, Universidade Nacional do Cuyo, Universidade Nacional de Córdoba, Universidade Nacional de Mar del Plata e Universidade da República. Por outro lado, em 2019 participei de uma seleção junto à Universidade de Hadrec Králové na República Tcheca, onde pude lecionar um curso sobre sociedade e cultura no Brasil, confesso que sabia relativamente pouco sobre a instituição, mas eles possuem um programa em estudos latino-americanos e houve um grande interesse pelo curso que ofereci. Tive também a oportunidade de ofertar cursos similares na Polônia na Universidade Jaguelônica e na Áustria na Universidade de Graz, em ambos os casos eu fui por meio de um programa voltado para jovens pesquisadores da América Latina do Grupo Coimbra. Na Polônia especialmente criei mais vínculos, tendo desenvolvido várias atividades com a professora Monika Sawicka, que também veio para a UFSC por meio do programa CAPES Print, aliás, esse programa foi fantástico para poder trazer para minha instituição pessoas com as quais entrei em contato, podendo ampliar o número de estudantes com contato com professores estrangeiros, como a professora Saba Hussain da Universidade de Birmingham, Billy Holzberg do King's College de Londres, Renata Siuda-Ambroziak da Universidade de Varsóvia, Juan Pedro Blois da Universidade Nacional General Sarmiento. Outros programas dos quais participei foram

programas mais de pesquisa, como junto a San Diego State University financiado pela Fulbright, ou da Universidade de Birmingham. Lecionar em outro idioma é sempre desafiador, afinal, uma coisa é apresentar um paper em 15 min, ou mesmo uma conferência de 50 min. Eu me lembro bem das primeiras vezes na vida que tive que fazer uma apresentação em inglês curtinha, parecia uma eternidade. No caso da aula, ao menos para mim, há tempo suficiente de ficar nervoso e me acalmar, e é sempre interessante o exercício de pensar o que não é óbvio para o outro, o mesmo ocorre com textos sobre o Brasil publicados em inglês, ao menos os meus vão ter sempre mais notas de rodapé que normalmente têm os meus em português, pois se trata também de um processo de estranhamento de nossa própria cultura para dialogar com o outro. Até o momento minha experiência mais longa foi durante meu período de pós-doutorado, financiado pela CAPES, quando passei um ano na Espanha vinculado a Universidade Autônoma de Barcelona, mais especificamente ao Departamento de Didática das Ciências Sociais, tendo sido recebido pelo professor Antoni Santisteban. De fato, esse é um grupo com o qual mantive sólidas relações, publicamos juntos diversos trabalhos, organizamos números especiais em revistas, e tenho participado com alguma regularidade dos eventos que eles organizam anualmente, especialmente as Jornadas Internacionais de Didática das Ciências Sociais. Nesse momento estou me preparando para outro período longo junto à Universidade de Humboldt na Alemanha, na qual serei recebido pelo professor Marcelo Caruso que é especialista em História da Educação. Acho que dessas experiências vale destacar algumas coisas, a primeira é que eu não fui uma pessoa que fiz doutorado sanduíche, justamente porque trabalhei todo o meu doutorado, então nunca é tarde para começar esse tipo de atividade; a segunda, que obviamente a barreira linguística é real, eu falo bem inglês e espanhol o que ajuda muito, mas essa também não é uma barreira intransponível, sempre estimulo as pessoas a participarem de eventos internacionais indicando que em muitos deles as pessoas leem seus textos, isso significa que a dificuldade com o inglês como “língua universal” atinge não só brasileiros como também italianos, portugueses, japoneses, romenos etc. E, por fim, acho que é sempre importante pensar essas

possibilidades também como um intercâmbio cultural, não apenas acadêmico, aprender sobre o outro é fundamental, especialmente para quem é das Ciências Sociais.

Fagno Soares: Noutras áreas como a geografia e até mesmo na história, muitos professores universitários já consagrados atuam na coordenação e produção de livros didáticos, algo ainda pouco comum na Sociologia. Em sua opinião, a que se deve isto? Qual seria, portanto, os rumos da Sociologia no Ensino Médio frente à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Novo Ensino Médio? Você tem atuado na formação inicial e continuada de professores de Sociologia na universidade, você considera que nossas graduações em Ciências Sociais estão cada vez mais bacharelantes?

Amurabi Oliveira: Vamos por partes. Sobre a questão dos livros didáticos, acho que há um valor simbólico distinto a escrita e a divulgação científica por meio desses materiais, não tenho tanta clareza que em outras áreas é tão recorrente assim professores universitários escrevendo para livros dessa natureza, o que há nessas áreas no geral é que elas possuem uma tradição mais consolidada de produção de livros didáticos no geral. Claro que o campo acadêmico é bastante hierarquizado e bens simbólicos mais raros tendem a ser mais valorizados, ou seja, muitas vezes livros que poucas pessoas acessam ou que poucas pessoas ao menos entendem vão ser mais valorizados, entendidos como “obras de referência” etc. Mesmo se sairmos do campo dos livros didáticos, pensarmos livros que são mais introdutórios, raramente são valorizados como obras dotadas de um grande prestígio acadêmico, mas claro, os livros não produzem apenas esse efeito, podemos pensar desde questões mais pragmáticas, como por exemplo, livros didáticos possuem um potencial de trazer mais capital econômico aos autores, afinal possuem um público mais amplo que o público acadêmico especializado. Talvez pensar essa dinâmica possa explicar um pouco das resistências na Sociologia, e claro, há ainda um elemento complexificador maior, afinal apesar do nome Sociologia essa disciplina na educação básica inclui também a Antropologia e a Ciência Política, de modo que dificilmente um único docente ou um pequeno grupo daria conta da complexidade que envolve os

conteúdos previstos em nossa área, mas claro que não é impossível. Sobre os rumos da Sociologia, com a configuraçãoposta pela Reforma do Ensino Médio houve uma maior fragmentação das disputas, afinal, as disputas foram deslocadas para as unidades federativas, são nesses espaços que será decidido o futuro da Sociologia na escola. Claro que as pressões nacionais são relevantes, e devem ser pensados como espaços de articulação, mas é a partir das lutas nos sindicatos estaduais, universidades, associações locais que de fato essas disputas se dão. Apesar do pouco tempo como disciplina obrigatória, de 2008 a 2017, a Sociologia deixou marcas profundas nos currículos, além de questões mais pragmáticas, como a existência de professores contratados em caráter efetivo nas redes estaduais. Quero dizer com isso que me parece que a Sociologia tem conseguido demarcar seu espaço no currículo, assim como em um nível mais empírico ampliar essa atuação por meio de disciplinas correlatas lecionadas recorrentemente por docentes com formação em Ciências Sociais. Talvez o desafio para os próximos anos seja retomar a discussão sobre a possibilidade de um currículo nacional, o que é um desafio para todas as áreas. Já sobre nossa formação inicial e continuada, prefiro desdobrar em dois pontos. Primeiro com relação à inicial, sou otimista em pensar que não estamos ficando mais bacharelesco, pelo contrário, mesmo que a contragosto de alguns os diversos mecanismos institucionais têm dado uma cara própria às licenciaturas, o que inclui o advento do PIBID, a expansão do número de horas de práticas pedagógicas etc. No entanto, o que tenho chamado a atenção é que as maiores inovações formativas têm partido sempre da periferia do campo acadêmico, as instituições mais centrais ainda são mais conservadoras em sua oferta formativa, o que inclui também a formação continuada. Se pensarmos por exemplo, é na UEL que vai surgir a primeira linha de pesquisa em Ensino de Sociologia, e na FUNDAJ o primeiro mestrado profissional voltado para ensino, e mesmo hoje no PROFSOCIO, ainda que haja universidades melhor posicionadas no campo acadêmico como a UFC e a UFPR, a maior parte da rede é formada por universidades mais periféricas no campo, como a própria UFCG onde me formei. Em resumo penso dessa forma, que temos tido uma mudança positiva tanto na

formação inicial quanto continuada, mas que essa mudança vem principalmente das margens para o centro.

Fagno Soares: Professor, antes do seu ingresso na UFSC, foi professor efetivo de Fundamentos Antropológicos da Educação e Estágio Supervisionado em Ciências Sociais na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e professor de Sociologia dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) e do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE). Quais as imagens que chegam à memória deste período? O que você trouxe destas vivências acadêmicas?

Amurabi Oliveira: Eu sempre digo que gostei de todos os lugares onde trabalhei, todos foram muito marcantes para mim. No IF Sertão PE foi onde dei minhas primeiras aulas de Sociologia para o ensino médio, sendo minha primeira turma uma turma de EJA, e depois tendo trabalhado em pleno sertão pernambucano na cidade de Floresta. No IFPE trabalhei em Vitória de Santo Antão, que é zona da mata, uma outra realidade completamente distinta e naquele momento aquele campus tinha um processo de seleção totalmente diferenciado, com entrevistas envolvendo todos os estudantes e todos os pais de estudantes, onde o foco era não apenas a identificação com os cursos, mas também a ideia de proporcionar oportunidades escolares. Foram anos que me marcaram muito como professor, que me fizeram o professor que sou hoje. Outro dia mesmo comentava com um amigo que me bate uma saudade de dar aulas para a educação básica, pois a relação é completamente diferente. Na UFAL lecionei na Pedagogia os Fundamentos Antropológicos da Educação e nas Ciências Sociais dos Estágios Supervisionados, coincidentemente quando sai de lá quem assumiu os estágios no concurso seguinte foi o Cristiano Bodart, de quem sou muito amigo. Na verdade, até hoje tenho ótimos vínculos com a UFAL, coordeno um projeto no qual o Cristiano faz parte além dos professores Welkson Pires e Marina Melo. Também acho que é importante de dizer que foi nesse período, principalmente quando estava na UFAL, que comecei a me inserir mais decisivamente no campo do Ensino de Sociologia e da antropologia da educação. Comecei a participar de GTs, de eventos, fui o primeiro presidente da ABECS,

orientei meus primeiros TCCs e trabalhos de mestrado em educação. Talvez a memória mais forte que eu tenha desses lugares é o fato de que eu era muito jovenzinho e que fui aprendendo a ser professor nesses espaços, cheguei no IFSertão/PE com 22 anos, no IFPE com 23 e na UFAL com 24, eu tinha a ideia de meus alunos. Na UFAL eu atuei na Universidade Aberta do Brasil, aprendi a produzir material didático, dei aulas no interior do Estado. Mesmo sendo uma pessoa que nasceu e cresceu na Paraíba, eu cresci em uma cidade de médio porte e todas essas minhas experiências me possibilitaram conhecer outras realidades, um “Nordeste profundo” muito próximo da origem dos meus avós, mas muito distante da realidade que eu conhecia. Diria que além de me formar como professor nesses espaços eu saí desses períodos como um nordestino mais completo, conhecendo realidades mais diversas e profundas.

Fagno Soares: Professor, atualmente existem um número razoável e crescente de mestrados profissionais no Brasil. Em 2016 foi aprovada a proposta de criação do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio)³ destinado a formação continuada para os professores de Sociologia coordenada pela Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) com 8 instituições associadas cuja área de concentração em “Ensino de Sociologia”, foi ao longo dos anos, ao que parece propositalmente relegada aos Programas de Pós-Graduação em Educação. Dito isto, qual tem sido o lugar do ensino da Sociologia na pós-graduação brasileira? A que você atribui o fato de que muitas universidades ainda se mantenham tão relutantes em aderir ao ProfSocio?

Amurabi Oliveira: Bem, penso que esse argumento de que havia mais espaço na educação para pesquisas pós-graduadas sobre ensino deve ser

³Sob a coordenação da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), atualmente o Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio) acontece nas seguintes instituições associadas, a saber: Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Estadual do Vale do Acaraí (UVA/Sobral), Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP/Marília), Universidade Federal de Campina Grande (UFMG/CG), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/Sume), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF/Juazeiro), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN/Mossoró), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) e Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba), Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT/Sinop), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

complexificada, pois se considerarmos que os PPGEs são mais numerosos e com um número muito maior de vagas, isso significa que proporcionalmente havia mais trabalhos em Ciências Sociais há um bom tempo. Claro, há uma diferença em termos organizativos das Faculdades de Educação que facilita o ingresso de projetos específico sobre ensino, pois recorrentemente nessas faculdades há professores específicos para a área de Ensino de Sociologia e que atuam em seus programas, de modo que abrem orientações específicas nessa área, como foi o caso dos professores Amaury Moraes e Anita Handfas, respectivamente na USP e na UFRJ, que atualmente estão aposentados, ou ainda o caso do professor Cristiano Bodart, que atua no PPGS da UFAL, mas também em um programa em rede sobre ensino (RENOEN), ou o professor Thiago Ingrassia na UFFS, Célia Caregnato na UFRGS. Por outro lado, nem sempre nos departamentos de Ciências Sociais/Sociologia há especialistas em ensino dispostos a abrir vagas em seus programas. Seria necessário haver uma análise mais profunda sobre as motivações das pessoas que realizaram seus mestrados e doutorados sobre ensino de Sociologia, pois obviamente a existência de um potencial orientador no PPG mobiliza as pesquisas, mas não só, os estudantes possuem agência, muitos deles produzem projetos que dialogam com outras interfaces e encontram formas de se inserir nos PPGs, mesmo quando não há exatamente especialistas específicos sobre esse tema. Muitas teses relevantes, como das professoras Ileizi Silva defendida na USP e da Júlia Maçaira defendida na UFRJ, foram supervisionadas por professoras que eram especialistas em outras áreas, mas que se dispuseram a orientar trabalhos a partir de outras interfaces. Quero dizer com isso que não me parece que o Ensino de Sociologia seja um tema simplesmente periférico hoje, mas claro que há uma crescente diversificação e fragmentação temática nos programas no geral, mesmo temas clássicos como rural, religião etc, não possuem a mesma hegemonia que já tiveram. Sobre as resistências, acho que há duas principais, uma primeira refere-se à própria resistência da Sociologia a programas profissionais, tanto que não há hoje nenhum programa profissional vinculado à área de avaliação da Sociologia, dentro das Ciências Sociais a área de Ciência Política é a que tem se aberto mais a essa modalidade, ainda que mais

direcionado aos estudos de defesa; a segunda, deve-se ao fato de ser um programa “temático”, de modo que é necessário haver um número razoável de docentes dedicados ao debate. Em outros termos, essa realidade na pós-graduação reflete a dinâmica dos departamentos. Claro, que se deve reconhecer que a obrigatoriedade da Sociologia nos currículos mexeu com os departamentos, houve contratações de professores especializados em muitos casos, ainda que essa por vezes é uma faca de dois gumes, pois pode ao mesmo tempo visibilizar o debate, mas também pode centralizar em poucos docentes uma discussão que deveria ser abraçada por todos. Também devemos considerar os efeitos que teremos a médio prazo com a criação da nova área de avaliação da CAPES na qual se situam os mestrados profissionais de ensino voltados para a formação de professores. Antes os mestrados profissionais estavam vinculados à ciência de referência, como Física, Matemática, História, Sociologia etc, agora constituem uma área própria, o que pode dar maior autonomia ao debate, como também pode isolar mais a discussão com relação às ciências de referência, mas claro temos que observar mais de perto como que essas discussões se desdobrarão.

Fagno Soares: No dia 02 de junho de 2008, foi sancionada a Lei nº 11.684 que incluiu a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do Ensino Médio, cujo ponto central é a formação de cidadãos críticos e capazes de interpretar o mundo, tornando-se sujeitos ativos em prol do melhor desenvolvimento da sociedade. A reintrodução da Sociologia como componente curricular obrigatório no Ensino Médio, ainda é muito recente, embora tenha feito parte, mesmo temporariamente em décadas anteriores e sob diferentes perspectivas. Destarte, quais seriam os caminhos propícios à afirmação e consolidação da disciplina no currículo da Educação Básica sem correr o risco de novas rupturas? Em que medida a criação de entidades como Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), em 1935 e da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) fundada em 1977 e da Federação Nacional dos Sociólogos (FNS) em 1989, arregimentaram esforços que culminaram na Lei nº 11.684 de 2 de junho de 2008?

Amurabi Oliveira: Bem, há um certo consenso que houve maior protagonismo das associações profissionais como a FNF nesse debate, até mesmo pela própria finalidade de associações como a SBS e ANPOCS, essa última em especial é uma associação de pós-graduação, não à toa o primeiro GT sobre o tema ocorreu em 2020 coordenado por mim e pela professora Sueli Mendonça da UNESP. Em período mais recente a SBS acabou se aproximando mais do debate e se tornando um importante interlocutor nessa discussão, especialmente em espaços como na formulação de equipes do PNLD. Nos últimos dez anos deve-se destacar a atuação da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS), que busca conciliar ao mesmo tempo uma discussão mais estritamente acadêmica com uma atuação mais profissional, no sentido de agregar pesquisadores e professores da educação básica. Dissertação de mestrado de Gustavo Cravo, defendida no PPGCP da UFF descreve em detalhes o percurso da lei de 2008, deixando claro quem eram os agentes envolvidos nesse processo. Talvez o mais importante seja pensar como que associações profissionais e científicas podem convergir no debate, visibilizando o ensino de Sociologia em diferentes espaços, qualificando o debate. Ademais, as instituições formadoras, as universidades, possuem também um papel fundamental, não apenas no nível mais geral de formação de professores, como também em um nível mais específico de fomentar os debates locais junto às secretarias de educação.

Fagno Soares: Destarte, fale-nos um pouco do Ensino de Sociologia enquanto campo de pesquisa. E como tem visto a produção sociológica hoje no Brasil? Somado a isto, quais são, a seu ver, os (di)lemas enfrentados pelos/as sociólogos/as no século XXI? E os desafios e horizontes de perspectivas do Ensino das Ciências Sociais na América Latina: Brasil e Argentina?

Amurabi Oliveira: Pensar o ensino de Sociologia como campo é algo que tem me acompanhado há muito tempo, começando de forma mais sistemática com um artigo que publiquei com a Vanessa Rêgo em 2015, que foi minha orientanda de mestrado no PPGE da UFAL, e culminando com o meu livro “O Campo do Ensino de Sociologia no Brasil” em 2023. Em 2015 nós indicávamos o ensino de Sociologia como um subcampo, ao passo que em 2023 eu o afirmo como um campo,

ainda que seja um campo em processo de autonomização. Meu argumento central é que há hoje regras próprias de disputas e legitimação no ensino de Sociologia que demarcam sua autonomia, eventos próprios, prêmios, espaços de inserção institucional etc. Há, portanto, se pensarmos em termos Bourdieusianos, elementos suficientes para pensarmos a autonomização desse campo, talvez como poucos tenham conseguido em um período tão curto. Deve-se enfatizar ainda que o caso brasileiro é completamente único, nos países que possuem Sociologia no currículo normalmente se trata de uma disciplina presente em uma orientação específica como no caso do Uruguai ou da França, ou ainda como optativa em uma dessas orientações como em Portugal e Espanha, de modo que essa autonomização reflete também essa dimensão estrutural da nossa realidade acadêmica e escolar. O cenário latino-americano é mais complexo e diverso, no Uruguai, por exemplo, a Sociologia está presente na orientação de ciências humanas e sociais, já na Argentina, a Sociologia está presente nessa mesma orientação, mas apenas em algumas províncias. Essa não é uma experiência ampla, via de regra é mais recorrente haver disciplinas mais genéricas de Ciências Sociais, ou de Educação Cidadã, e muito amplamente assentada na História e na Geografia, como podemos observar nos eventos Ibero-Americanos de Didática das Ciências Sociais. Creio que nos vale a reflexão sobre o futuro do ensino das Ciências Sociais no ensino superior, que é algo mais recorrente. Costumo dizer que o desafio para minha geração é que devemos lecionar Sociologia de uma forma completamente distinta de como aprendemos, pois, estamos diante de uma demanda real por ampliação das Ciências Sociais, de um descentramento rumo a uma ciência mais plural, menos androcêntrica, menos branca e menos euro-americana. Recentemente estive no Fórum da International Sociological Association, mesmo nos países do Norte Global há uma demanda por essas mudanças, talvez o exemplo mais significativo seja o crescente interesse nos Estados Unidos pelo trabalho de Du Bois, algo que é relativamente recente. Em um nível mais empírico as Ciências Sociais têm sido desafiadas pela ascensão de regimentos autoritários conservadores, que em muitos cenários nacionais têm realizado cortes de financiamento de pesquisas. Breve sairá um número especial

na revista da Associação Britânica de Sociologia intitulado “Sociology under attack” que explora esse cenário no mundo, nele eu trago uma contribuição sobre o caso brasileiro, pensando os ataques recebidos pela Sociologia escolar.

Fagno Soares: Professor Amurabi Oliveira, agradecemos por nos receber em seu atelier sociológico para trilharmos por entre os caminhos da Sociologia e Antropologia da Educação através do Ensino das Ciências Sociais no Brasil, desde já reitero protestos de elevada estima. Saudações sociológicas e antropológicas. Estimadamente, Evoé!

REFERÊNCIAS

- OLIVEIRA, Amurabi. **Etnografia para educadores.** 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2023.
- OLIVEIRA, Amurabi. **Gilberto Freyre & a Educação.** 1. ed. Recife: Massangana, 2023.
- OLIVEIRA, Amurabi; ENGERROFF, Ana Martina Baron; GREINERT, Diego; CIGALES, Marcelo Pinheiro (Org.). **Conquistas e resistências do ensino de Sociologia: Eneseb 2019.** 1. ed. Maceió: Café com Sociologia, 2021.
- FERREIRA, Vanessa do Rego; OLIVEIRA, Amurabi. O Ensino de sociologia como um campo (ou subcampo) científico. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, 37(1), 31-39, 2015.